

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

REBECA BARBOSA SANTOS KELMER

A SITUAÇÃO BILÍNGUE DOS ESTUDANTES DE LETRAS-JAPONÊS DA UNB
ESTUDO DE CASO DOS DESCENDENTES NIPO-BRASILEIROS

BRASÍLIA
2013

REBECA BARBOSA SANTOS KELMER

A SITUAÇÃO BILÍNGUE DOS ESTUDANTES DE LETRAS-JAPONÊS DA UNB
ESTUDO DE CASO DOS DESCENDENTES NIPO-BRASILEIROS

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
objetivando a aprovação na graduação em
Licenciatura em Japonês pela Faculdade de
Letras, sob orientação da Professora Dra.
Yuko Takano

BRASÍLIA
2013

REBECA BARBOSA SANTOS KELMER

A SITUAÇÃO BILÍNGUE DOS ESTUDANTES DE LETRAS-JAPONÊS DA UNB
ESTUDO DE CASO DOS DESCENDENTES NIPO-BRASILEIROS

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
objetivando a aprovação na graduação em
Licenciatura em Japonês pela Faculdade de
Letras da Universidade de Brasília.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Yuko Takano - Universidade de Brasília - UnB

Examinador: Prof. Dr. Yuki Mukai - Universidade de Brasília - UnB

Examinador: Prof. Marcus Lira - Universidade de Brasília - UnB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho as duas mulheres que são a minha inspiração de vida: minha avó, Cecília e minha mãe, Helena Maria.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, e acima de tudo, agradeço a Deus por ter me dado força, equilíbrio, sabedoria e perseverança nessa minha jornada acadêmica na UnB.

Agradeço também a minha família que sempre me apoiou, principalmente a minha mãe, Helena Maria, que fez o meu sonho de estudar japonês e a conclusão do curso possíveis. Ao meu irmão, Alexandre, que sempre cuidou de mim e muito tem me ajudado durante esse período universitário.

Agradeço a minha avó e revisora, Cecília, por ter contribuído imensamente na minha formação pessoal e acadêmica.

Agradeço a todos os colegas e amigos que me apoiaram de alguma forma.

Agradeço a todos meus professores da área de Japonês na UnB, que contribuíram para o meu aprendizado e formação. Também aos funcionários da UnB, pelo bom atendimento.

Em especial, agradeço à minha competente Orientadora, Professora Dr^a. Yuko Takano, pelo esforço, dedicação e paciência.

Obrigada a todos pelo imensurável apoio e confiança depositados em todos esses anos de estudo e dedicação.

RESUMO

Este trabalho observa a situação bilíngue dos nipo-brasileiros estudantes de Letras-Japonês da UnB. Objetiva-se identificar e traçar alguns comentários a respeito da aquisição de língua e do grau de bilinguismo que se podem observar através da história de vida desses descendentes de japonês. Autores como Krashen, Larsen-Freeman, Rod Ellis e Klein auxiliaram no desenvolvimento da fundamentação teórica quanto à aquisição/aprendizagem de língua. Na parte do bilinguismo, recorreu-se a autores como: Bloomfield, Macnamara, Mackey e outros. Os dados da pesquisa foram recolhidos com o apoio de entrevista semiestruturada, que foi gravada e transcrita. Trechos das entrevistas foram analisados e serviram de base para as discussões. São no total de quatro (4) sujeitos da pesquisa que adquiriram o japonês na infância, assim como o português. Apesar de os sujeitos da pesquisa apresentarem característica bilíngue, eles apresentam diferenças nas habilidades. Pode-se notar, através da resposta, que eles têm uma certa facilidade para entender o japonês, ou seja, a capacidade auditiva foi melhor desenvolvida do que outras habilidades. Visto que os sujeitos da pesquisa em algum momento da sua vida adquiriram a língua japonesa, o fato de eles estudarem o japonês na Universidade de Brasília pode, em parte, ter contribuído para o processo de reaquisição da língua japonesa.

Palavras-chave: Bilinguismo; alunos nipo-brasileiros; aquisição de línguas.

ABSTRACT

This paper looks at the situation of bilingual Japanese-Brazilians of Japanese Language and Literature students of UNB. It aims to identify and trace some comments about language acquisition and the degree of bilingualism can be seen through the life history of these descendants of Japanese. Authors such as Krashen, Larsen-Freeman, Rod Ellis and Klein worked on developing the theoretical framework regarding the acquisition / language-learning. In the part about bilingualism we resorted to authors as: Bloomfield, Macnamara, Mackey and others. The survey data were collected with the support of semi-structured interview, which was recorded and transcribed. Excerpts from the interviews were analyzed and formed the basis for discussions. There are a total of four (4) research subjects who acquired Japanese childhood, as well as Portuguese. Although the subjects presenting bilingual features, they differ in abilities. It may be noted by the response, they have a certain facility to understand Japanese, ie the hearing capacity was better developed than other skills. Since the subjects at some point in your life acquired the Japanese language, the fact that they study Japanese at the University of Brasilia may, in part, have contributed to the process of reacquisition of the Japanese language.

Keywords: Bilingualism; Japanese-Brazilians students; language acquisition.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| QUADRO 1 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA | 17 |
| QUADRO 2 – PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA | 18 |
| QUADRO 3 – HABILIDADE DE LEITURA | 32 |

LISTA DE SIGLAS

IL - Interlíngua

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

LE - Língua Estrangeira

LM - Língua Materna

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SP1 - Sujeito da Pesquisa 1

SP2 - Sujeito da Pesquisa 2

SP3 - Sujeito da Pesquisa 3

SP4 - Sujeito da Pesquisa 4

UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: JUSTIFICATIVA | 1 |
| 1.2 PROBLEMA DA PESQUISA | 3 |
| 1.3 PERGUNTAS DA PESQUISA | 4 |
| 1.4 OBJETIVOS | 4 |
| 1.4.1 Objetivo Geral | 4 |
| 1.4.2 Objetivos Específicos | 4 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 6 |
| 2.1 AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA | 6 |
| 2.2 HIPÓTESE DO MONITOR | 8 |
| 2.3 <i>INPUT</i> E FILTRO AFETIVO | 9 |
| 2.4 BILINGUISMO E BILINGUALIDADE | 10 |
| 3 METODOLOGIA DE PESQUISA | 15 |
| 3.1 MÉTODO | 15 |
| 3.2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO: CONTEXTO PESQUISA | 15 |
| 3.2.1 Instrumentos De Coleta De Dados | 16 |
| 3.2.1.1 Entrevista Semiestruturada Com Gravação | 16 |
| 3.2.2 Perfil Dos Sujeitos Da Pesquisa | 18 |
| 3.3 EM DIREÇÃO À ANÁLISE DOS DADOS | 20 |
| 4 CORPUS DA PESQUISA: PROPOSTA DE ANÁLISE DOS DADOS | 21 |
| 4.1 LÍNGUA MATERNA DOS PARTICIPANTES | 21 |
| 4.2 APRENDIZADO SIMULTÂNEO DAS DUAS LÍNGUAS? | 24 |
| 4.3 AS PESSOAS COM QUEM USAVA O JAPONÊS | 25 |
| 4.4 COMUNICAÇÃO EM JAPONÊS COM OS FAMILIARES? | 26 |
| 4.5 ESCOLA JAPONESA NA INFÂNCIA? POR QUANTO TEMPO? | 27 |

| | |
|--|-----------|
| 4.6 DIFICULDADE NAS HABILIDADES LINGUÍSTICAS? | 28 |
| 4.7 DIFERENÇAS ENTRE O JAPONÊS DA UNB E DA COMUNIDADE | 29 |
| 4.8 QUAIS ASPECTOS VOCÊ NOTA DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS? | 30 |
| 4.9 PREFERÊNCIA POR QUAL VARIEDADE DO JAPONÊS? | 30 |
| 4.10 VOCÊ SE CONSIDERA BILÍNGUE? | 31 |
| 4.11 QUE TIPO DE LEITURA É FEITA POR VOCÊ? | 32 |
| 4.12 LEITURA DE MATERIAL IMPRESSO EM JAPONÊS | 33 |
| 4.13 FREQUÊNCIA COM QUE SE ASSISTE TELEVISÃO JAPONESA | 33 |
| 4.14 FLUÊNCIA EM JAPONÊS | 33 |
| 4.15 VOCÊ SE IDENTIFICA COM A CULTURA JAPONESA? | 34 |
| 4.16 POR QUE ESCOLHEU LETRAS JAPONÊS? | 35 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| 5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA | 37 |
| 5.2 SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| LISTA DE APÊNDICES | 42 |
| Apêndice I: TERMO DE CONSENTIMENTO | 42 |
| Apêndice II: ROTEIRO DA ENTREVISTA | 43 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: JUSTIFICATIVA

O curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília (UnB) é oferecido para pessoas interessadas na língua e cultura japonesa com o intuito de formar professores. Para cursar Letras-Japonês na UnB, não é necessário apresentar certificado de proficiência na língua nem iniciar com conhecimento prévio de japonês, portanto muitos alunos começam sem nunca terem estudado japonês antes, apesar de ser melhor se o fizerem. Ao ingressar no curso, os alunos passam pelo processo de alfabetização; mas, ao mesmo tempo, aprendem as ferramentas necessárias para se tornarem professores. Por ser uma língua bem diferente, com milhares de caracteres para se aprender, é que se faz necessário muito tempo e dedicação. Muitos alunos desistem no meio do curso pelas dificuldades com a escrita e a oralidade. Muitos também se formam sem a fluência na língua, já que o curso tem duração de 4 anos e meio e seria inviável trabalhar gramática, oralidade, escrita etc. em níveis iguais e perfeitos.

Encontram-se, dentre os alunos de Letras-Japonês, aqueles que são descendentes e não descendentes; dentre os descendentes, existem aqueles que nunca estudaram japonês antes e aqueles que adquiriram o japonês na infância. Para esta pesquisa, selecionam-se os Sujeitos da Pesquisa que são bilíngues¹, ou seja, privilegiam-se aqueles que utilizaram japonês na sua infância, a fim de investigar/identificar a situação do bilinguismo e da bilinguagem desses Sujeitos. Para atender a esta investigação, recorre-se aos estudos que tratam sobre bilinguismo e bilinguagem. O bilinguismo é o “controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1935). Há também conceitos como o de Macnamara (1969): “a mínima competência em uma das quatro habilidades: ouvir, falar, ler e escrever”. Porém, é preciso também analisar o bilinguismo através do grau de proficiência, a função e o uso das línguas, a alternância

¹ No caso desta pesquisa, o termo “bilíngue” se refere ao indivíduo que teve contato com duas línguas na infância. Esse bilinguismo é chamado de micro (individual).

dos códigos e a interferência (MACKEY, 2000). E quanto à bilinguagem, pode-se dizer que é referente aos diferentes níveis ou estágios do bilinguismo, em que se observa o grau de fluidez do indivíduo bilingue.

Propõe-se, ainda, através do questionário aplicado, identificar a situação de aquisição de língua, ou seja, se esses Sujeitos da Pesquisa adquiriram primeiro o japonês ou o português, ou se ambas as línguas foram adquiridas ao mesmo tempo. Observa-se que, apesar de a língua japonesa ter sido a língua materna desses Sujeitos, a língua portuguesa, por ser a língua da sociedade majoritária, é utilizada com maior frequência; enquanto que a língua japonesa, por ser a língua da sociedade minoritária, entra em situação de deslocamento² linguístico, isto é, os Sujeitos da Pesquisa, aos poucos, deixam de usar a língua japonesa adquirida na infância. Esses Sujeitos da Pesquisa, ao ingressarem no curso de Letras-Japonês, entram em outro processo de aprendizagem da língua japonesa, ou seja, ensino-aprendizagem.

O fato de esses Sujeitos da Pesquisa terem adquirido a língua japonesa na infância pode indicar, possivelmente, que é uma situação em que a língua japonesa passa pelo processo de reatuação. Para esse questionamento, contempla-se o estudo que se fundamenta em aquisição e aprendizagem da língua. Considerou-se que língua materna (LM) como a primeira língua adquirida na infância, contrapondo à língua estrangeira (LE) que é aprendida em contexto escolar após a maturação da língua materna. Já a primeira língua (L1) e a segunda língua (L2) são as línguas aprendidas na infância, ambas em ambiente social; a L2 é adquirida antes que a L1 chegue à maturação³.

A pesquisa pode contribuir para o ensino de língua japonesa aos falantes da variedade utilizada na comunidade nipo-brasileira, pois os relatos dos Sujeitos da Pesquisa e a análise esclarecem muitos pontos importantes em relação à situação linguística dos descendentes de japoneses. Durante a 2ª Guerra Mundial, era proibido falar japonês em público, e os nipo-brasileiros resistiam à opressão mantendo escolas japonesas clandestinas. Até hoje, pode-se observar nas comunidades nipo-brasileiras o

² TAKANO, Y.

³ citado em tese de doutorado por Mônica Maria Guimarães Savedra: Bilinguismo e bilinguagem: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e alemã. 1º semestre de 1994

japonês da época do início da imigração misturado a dialetos japoneses e ao próprio português. Toda essa mistura deu origem à variação falada pelos nipo-brasileiros. Os brasileiros de origem japonesa são a maior comunidade nipônica fora do Japão. Apesar desta pesquisa apresentar características preliminares, trará embasamento para prosseguir na nova jornada acadêmica. Os resultados obtidos nesta pesquisa contribuirão para dar continuidade à pesquisa na pós-graduação.

Toda essa parte teórica está fundamentada em vários estudiosos como Krashen, Grosjean e outros que compõe o capítulo II.

O capítulo III trata dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa como o perfil dos Sujeitos da Pesquisa e o estilo de entrevista realizada. Em instrumentos de coleta, falou-se com mais detalhes sobre a entrevista: quando, onde e duração, além dos princípios utilizados para a transcrição. Em perfil dos Sujeitos, definiram-se os Sujeitos da Pesquisa quanto a gênero, geração e profissão. E, finalmente, em análise de dados, foi introduzido o que será visto no capítulo seguinte.

O capítulo IV refere-se à análise de dados que foi feita através da entrevista transcrita. Todas as questões foram observadas à luz da fundamentação teórica, algumas possuem quadros ilustrativos e a maioria possui trechos das entrevistas.

Nas considerações finais, falou-se resumidamente de todo o trabalho, concluindo-se e apresentando sugestões para novas pesquisas.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

Falta pesquisa na área quanto à situação bilíngue dos estudantes de Letras-Japonês da UnB com o intuito de compreender a situação do bilinguismo e da bilinguagem, com enfoque no japonês e também estudos que tratam sobre a aquisição e situação de reaquisição da língua japonesa. Pode-se observar que os estudantes nipo-brasileiros apresentam habilidades que podem facilitar o processo de ensino e aprendizagem da língua japonesa pela situação bilíngue na qual estão ou foram inseridos. Para atender a esta indagação, foi aplicado um questionário semiestruturado para a

identificação desta situação bilíngue.

1.3 PERGUNTAS DE PESQUISA

Algumas perguntas que orientaram o tema da pesquisa:

- a) Como é a aquisição e aprendizagem do japonês para bilíngues nipo-brasileiros?
- b) Em que pontos a situação bilíngue é um fator importante para esses estudantes?
- c) Para o aprendizado da língua japonesa, quais as principais vantagens de ter ouvido o japonês na infância?
- d) A língua adquirida na infância é igual à língua aprendida na UnB?
- e) Como é a percepção de aquisição/aprendizagem e binlinguismo/bilinguagem nos nipo-brasileiros?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Pretende-se, através da história de vida linguística desses quatro nipo-brasileiros, identificar o nível de bilinguismo/bilinguagem, com ênfase na língua japonesa. Busca-se também com base nas respostas dadas ou tendo as respostas da entrevista como exemplos reais, investigar o processo de aquisição da língua bem como do ensino e aprendizagem da língua.

1.4.2 Objetivos Específicos

Tem-se, por finalidade, averiguar/identificar o bilinguismo/bilinguagem dos seguintes itens que constituem 4 habilidades:

1. leitura (ato ou efeito de ler);
2. audição (ato de ouvir, de escutar);
3. escrita (ato ou efeito de escrever);
4. oralidade (qualidade do que é oral; parte falada ou uso oral de uma língua).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA

Neste trabalho, adotaram-se o conceito de aquisição e o de aprendizagem estruturados por Krashen. Aquisição é um processo inconsciente e aprendizagem é consciente. Também utilizou-se o conceito de reaquisição de línguas (KLEIN, 1986), ou seja, a língua adquirida na infância permanece sem uso e esquecida por um longo período de tempo até que haja necessidade de uso da mesma, e o indivíduo precise resgata-la.

Aquisição da língua, segundo Krashen (1982), é processo automático que se desenvolve de forma inconsciente, devido à necessidade de comunicação e pode ser semelhante ou idêntico ao processo de aquisição de primeira língua por uma criança. De acordo com Klein (1986), há três tipos de aquisição da língua: a aquisição de primeiras línguas, a de segundas línguas e a reaquisição de línguas. O primeiro caso de aquisição pode ser tanto monolíngue quanto bilíngue (no caso de o Sujeito ter aprendido duas línguas ao mesmo tempo). Já a segunda língua pode ser adquirida independente da idade, de forma e níveis diferentes e para diversos fins. A reaquisição é quando o Sujeito volta a utilizar uma língua que estava armazenada em algum lugar do cérebro, mas que foi esquecida e permaneceu intacta por um tempo. Para este trabalho, identificou-se a L2 como a língua adquirida posteriormente à L1; mas, em ambiente social, enquanto a LE seria a língua adquirida também depois da primeira, só que em ambiente escolar.

A aprendizagem é um processo consciente onde a pessoa faz um esforço para obter conhecimento formal das regras gramaticais e do sistema linguístico. Em contrapartida, a aquisição é um processo subconsciente de absorção natural do sistema linguístico. Esse processo acontece geralmente na infância, onde a criança é exposta a um ambiente em que todos falam uma língua e, com o tempo, ela vai adquirindo

habilidades de se expressar também nessa língua.

As cinco principais hipóteses acerca da aquisição de língua por Krashen (1982) são: aquisição-aprendizagem, ordem natural, monitor, *input* (insumo) e filtro afetivo.

Krashen, que é o autor das hipóteses sobre a aquisição de segunda língua, diz, quanto ao modo de desenvolvimento da competência linguística dos adultos, que a aquisição da língua é um processo semelhante ao de as crianças aprendendo a primeira língua, ou seja, um processo subconsciente de aquisição. Enquanto isso, outros dizem que, ao invés de o adulto adquirir como uma criança, ele apenas aprende. Porém a hipótese de aquisição-aprendizagem de Krashen (1982, p.10) mostra que os adultos também adquirem e apenas o autor faz uma ressalva de que isso não significa alcançar o nível de um nativo, mas ter o mesmo “dispositivo de aquisição de linguagem” que uma criança utiliza. Segundo Krashen,

Os estados de distinção de aquisição-aprendizagem de adultos tem duas maneiras distintas e independentes de desenvolvimento de competência em uma segunda língua. A primeira forma é a aquisição da linguagem, um processo semelhante, se não idêntico, ao modo como as crianças desenvolvem a capacidade em sua primeira língua. A segunda maneira de desenvolver a competência em uma segunda língua é através da aprendizagem de línguas. A hipótese de aquisição-aprendizagem afirma, no entanto, que os adultos também adquirem, que a capacidade de "pick-up" linguagem não desaparece na puberdade (1982, p.10).⁴

A questão é que o processo de aquisição e aprendizagem de uma segunda língua não é tão simples e envolve diversos fatores internos e externos. Rod Ellis fala sobre o uso incorreto de estratégias de comunicação: “As estratégias de comunicação envolvem compensação de conhecimento não-existente, improvisando com o conhecimento existente em L2 de formas incorretas e inadequadas” (1985, p. 13).⁵

Muitas vezes, ao analisar-se o processo de aprendizagem, atem-se a avaliar o

⁴ “The acquisition-learning distinction states that adult have two distinct and independent ways of developing competence in a second language. The first way is language acquisition, a process similar if not identical, to the way children develop ability in their first language. The second way to develop competence in a second language is by language learning. The acquisition-learning hypothesis claims, however that adults also acquire, that the ability to “pick-up” language does not disappear at puberty” (tradução nossa do texto original de Krashen, 1982)

⁵ “Communication strategies involve compensating for non-existing knowledge by improvising with existing L2 knowledge in incorrect and inappropriate ways” (tradução nossa do texto original de Rod Ellis, 1985)

quão longe os estudantes estão do final ou analisar quando já ultrapassaram, mas pode-se redefinir a aquisição de uma forma como sendo a primeira da interlíngua⁶. Larsen diz:

Estudar 'aquisição', em outras palavras, normalmente significava avaliar o quão longe os alunos estavam da linha de chegada ou estudá-los como eles atravessaram. O grupo ZISA⁷ claramente rejeitou esta abordagem, redefinindo aquisição (de forma) como a primeira aparição de uma forma em uma IL (1991, p. 283).⁸

2.2 HIPÓTESE DO MONITOR E DA ORDEM NATURAL

Através do conhecimento consciente das regras gramaticais é que a pessoa cria o chamado “monitor” capaz de controlar a capacidade natural de absorver o sistema linguístico. Em outras palavras, o “monitor” é a consciência crítica da pessoa que aprende uma língua estrangeira a fim de evitar erros. Pessoas muito preocupadas com regras e que sabem da alta possibilidade de erro ao se falar uma nova língua utilizam bastante o monitor, ou seja, pessoas introvertidas e perfeccionistas costumam ter um monitor alto. Há também o oposto: pessoas que não se preocupam tanto com a aprendizagem e mantêm uma postura mais tranquila e despreocupada em relação às regras gramaticais. Nesse caso, o uso do monitor é quase nulo. A situação mais adequada seria fazer um balanço entre esses dois tipos de Sujeitos, reunindo os pontos positivos de cada atitude. Na aprendizagem de uma língua, é importante o uso do “monitor” de forma equilibrada, identificando o momento certo de utilizar as regras gramaticais e as estruturas adquiridas na língua.

Em seu Modelo do Monitor, Krashen (1982) propõe que o conhecimento

⁶ Sistema linguístico intermediário entre a primeira língua e a língua em estudo criado por aprendizes de segunda língua. (SELINKER, 1972)

⁷ Zweitsprachenwerb Italienischer und Spanischer Arbeiter (ZISA): foi um projeto conduzido pela Universidade de Hamburg, no final de 1970, a respeito de estudos na área de aquisição de segunda língua.

⁸ “Studying ‘acquisition’, in other words, mostly meant assessing how far learners were from the finishing line or studying them as they crossed it. The ZISA group explicitly rejected this approach, redefining acquisition (of a form) as the first appearance of a form in an IL.” (tradução nossa do texto original de Larsen, 1991)

consciente das regras gramaticais gera uma espécie de monitor ou corretor que altera os enunciados de acordo com as regras aprendidas. Ou seja, a produção natural/espontânea de um enunciado proveniente do processo de aquisição é corrigido pelo monitor do processo de aprendizagem. Demais considerações que ajudam a completar o pensamento segundo Larsen-Freeman: “Um ponto de aquisição deve depender não apenas em quantas vezes uma estrutura é fornecida de forma adequada, mas deve, da mesma forma, levar em consideração quantas vezes ela é usada inapropriadamente.” (1975a, p.89).⁹

Quanto à hipótese da ordem natural, a aquisição das estruturas gramaticais acontece de forma natural e previsível em qualquer língua do mundo. Por outro lado, ao se aprender uma língua estrangeira não significa que se deve seguir a ordem natural de aquisição.

2.3 INPUT E FILTRO AFETIVO

O *input* ou insumo, como a própria palavra diz, é tudo aquilo que entra no processo de aprendizagem, ou seja, aquilo que é adquirido. Está relacionado à sociolinguística e às atitudes do indivíduo perante a aprendizagem, quanto melhor o insumo resulta na otimização da aquisição linguística. O professor também tem um papel importante na situação do insumo, pois é ele que vai orientar ‘injetar’ situação favorável para a aquisição da língua. O insumo, então, é referente à aquisição e não à aprendizagem. Portanto, a aquisição de uma dada estrutura em uma língua só será possível se o indivíduo estiver no ponto certo para entender e absorver, independente de quantas vezes ou do grau de dificuldade dessa estrutura. O indivíduo possui um insumo “i” na língua e a aquisição ocorre quando ele é exposto a um insumo compreensível que

⁹ “A point of acquisition should depend not only on how often a structure is supplied appropriately, but should take into consideration how often it is used inappropriately as well” (tradução nossa do texto original de Larsen-Freeman, 1991)

pertence ao nível “i+1”. Então, esse insumo “i+1” é adequado, pois as estruturas são conhecidas, mas o insumo possui um grau um pouco mais difícil que segue uma seqüência lógica, facilitando a compreensão.

Filtro afetivo é o primeiro obstáculo para o insumo. É referente aos fatores internos e externos no processo de aquisição como: estado emocional, atitudes, necessidades e motivação do aprendiz. O filtro afetivo é responsável por regular e selecionar o que deve ser aprendido, a ordem de prioridade na aquisição e a velocidade. Aprendizes motivados, confiantes e com baixa ansiedade tendem a ser bem sucedidos no processo de aquisição da língua alvo.

2.4 BILINGUISMO E BILINGUALIDADE

A ideia geral que toda e qualquer pessoa tem sobre bilinguismo é a de que é preciso ser fluente em duas línguas, mas exclui-se boa parte das pessoas bilíngues ao pensar assim. No mundo globalizado é difícil afirmar que uma pessoa é monolíngue, na realidade muitos são pluri ou multilíngue. E, no caso do Brasil, o bilinguismo ou multilinguismo é comum, por ser um país formado por pessoas de diversas nacionalidades. Além do mais, a língua está em constante mudança, e as pessoas possuem uma capacidade inata de adaptar-se e comunicar-se.

O bilinguismo é algo que as pessoas normalmente entendem por: “controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1935), enquanto Macnamara (1969) sugere “a mínima competência em uma das quatro habilidades: ouvir, falar, ler e escrever”. Por outro lado, Mackey (2000) avalia que, para se definir bilinguismo, é importante levar em consideração o grau de proficiência, a função e o uso das línguas, a alternância de códigos e a interferência (como uma língua influencia e interfere na outra).

Autores, como Grosjean (1982, 1994), Romaine (1994), Mota (1996), Baker

(1997), Mello (1999), colocam a imigração como um dos principais fatores para a ocorrência de bilinguismo devido ao contato entre línguas. O bilinguismo ocorre quando o grupo de imigrantes adota a língua do país no qual passaram a residir, além da própria língua, por necessidade de comunicação. Quanto ao contexto de imigração, os pais costumam manter a língua dentro de casa, a fim de que seus filhos adquiram-na como herança cultural (GROSJEAN, 1982). Em situações como essa, apesar de a criança estar inserida em uma comunidade onde prevalece o uso da língua majoritária, por usar constantemente a língua minoritária dentro de casa é que se adquire a língua materna dos pais como uma língua herdada. Normalmente, os Sujeitos de diferentes gerações também demonstram diferentes níveis de proficiência na língua herdada e na língua predominante do país no qual residem. Em boa parte dos casos, os indivíduos da segunda e terceira geração possuem um maior domínio da língua majoritária do que os indivíduos da primeira geração, além de que, geralmente, os indivíduos de segunda e terceira geração preferem se comunicar na língua majoritária.

Dessa forma, a língua herdada é para uso familiar ao se comunicar com os indivíduos da primeira geração. Há muitos casos em que os Sujeitos da segunda e terceira geração “são monolíngues na língua majoritária e apenas desenvolvem alguma habilidade na língua herdada, em geral receptiva”. Tornou-se comum a situação em que a segunda e terceira geração compreendem a língua herdada de seus pais e avós, mas preferem responder na língua majoritária. (GROSJEAN, 1982; FISHMAN, 1991; ROMAINE, 1994).¹⁰

É possível notar como há conceitos e teorias divergentes quanto ao bilinguismo, assim como também há muitas áreas que procuram estudar esse fenômeno, como a Psicolinguística, a Neurolinguística, a Sociolinguística e a Linguística Aplicada. A Psicolinguística, por exemplo, analisa o ponto de vista dos indivíduos isoladamente ou em sociedade, baseando-se em como e com qual finalidade uma língua é utilizada. Estudos,

¹⁰ citado por Sidney de Souza Silva: Línguas em contato: cenário de bilinguismo no Brasil. 2011 (págs 119, 123 e 124)

como o de Mackey, entrariam nessa área de pesquisa.

Como a língua está intrinsecamente ligada à cultura de um povo, os teóricos apresentam estudos que também consideram o bilinguismo ligado ao biculturalismo, onde um indivíduo se identifica com ambos grupos linguísticos em contato.

Pesquisas linguísticas baseadas em estudos de línguas em contato (WEINREICH, 1953) se concentram na descoberta de interferência entre duas línguas “puras”. Por considerarem a realidade do uso linguístico em um contexto específico, não analisavam as condições que estão submetidas ao comportamento verbal distinto dos falantes e suas atitudes em relação às variedades usadas.¹¹

A bilinguidade é referente aos níveis de bilinguismo, mas quanto a essa classificação também há muitas divergências. Um dos estudos relevantes para esta pesquisa é o de Carroll (1970), que se assemelha ao de Weinreich (1953), e considera como o bilinguismo é adquirido. Carroll faz distinção entre bilinguismo composto e paralelo. O composto seria o que ambas as línguas são adquiridas na infância, sendo que a L2 só ocorre em “uma dada situação de aprendizagem em que prevalece o sistema de significado da língua materna”, esta mantém-se como dominante. Em outras palavras, as estruturas da L2 são acrescentadas às da língua materna. Muito comum em uma situação de contexto escolar no qual a língua adquirida serve de referência para o código não materno, como quando uma criança tem o japonês como L1 e aprende o português (L2) pela necessidade de comunicação fora do ambiente familiar. Por outro lado, no bilinguismo paralelo, ambas as línguas são adquiridas em situações distintas de aprendizagem, levando a uma situação em que o sistema linguístico de ambas permanece paralelo e independente da outra (LM + LE).

Weiss (1989) introduz o conceito de bilinguismo natural no contexto de aquisição da linguagem. Por bilinguismo natural, ele entende o “imediate uso ativo e passivo de duas línguas, sem necessidade de tradução”.

¹¹ citado em tese de doutorado por Mônica Maria Guimarães Savedra: Bilinguismo e bilinguidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e alemã. 1º semestre de 1994

Ainda diferenciando o contexto de aquisição em relação à idade, outros autores como Genesee (1978), Skutnabb-Kangas & Toukoma (1976), estabelecem distinção entre bilinguismo composto e coordenado. Apresentam uma definição um pouco diferente da proposta por Weinreich. Consideram que, no bilinguismo composto, a aquisição de L2 se dá na infância, sem instrução formal. Ambas as línguas são adquiridas simultaneamente no mesmo contexto (em família, em comunidade e, posteriormente, na escola). No bilinguismo coordenado, a L2 é adquirida por meio de instrução formal, portanto em contexto diferente da L1.

Quanto a este aspecto, Genesee (1978) acrescenta uma outra variação na diferenciação de bilinguismo. Faz distinção entre bilinguismo precoce e bilinguismo tardio onde o primeiro é adquirido na infância, possuindo características de um bilinguismo do tipo composto, e o segundo, em épocas diferentes, sugerindo um bilinguismo do tipo coordenado.

O bilinguismo é um fenômeno relativo e como tal deve ser analisado. A coexistência de duas línguas em diferentes espaços sociais deve ser analisada segundo a condição particular dos indivíduos bilíngues. Esta condição particular é sugerida pelo contexto e idade de aquisição; pela variação de uso das línguas - função tópica -; e, ainda, pela manutenção ou abandono das línguas em decorrência de fatores sociais e comportamentais, tais como família, grupo social, escolaridade e ocupações profissionais.

Como dito anteriormente, a bilinguidade são os diferentes níveis ou estágios do bilinguismo individual ao longo da vida. Esses estágios observam o grau de fluidez do indivíduo bilíngue. No que se refere ao contexto de aquisição, considera-se a situação que originou a condição bilíngue:

a) se a língua foi adquirida ao mesmo tempo, sendo ambas consideradas L1, tem-se a situação L1a + L1b;

b) se a língua foi adquirida posteriormente à outra, antes da maturação da

primeira, tem-se a situação L1 + L2;

c) se foi adquirida posteriormente à outra, depois de a primeira ter sido maturacionada, tem-se a situação LM + LE

Considere-se que LE é a língua que se adquire depois da materna, fora de situação de comunicação natural, ou seja, em sala de aula, e L2 é a língua adquirida depois da primeira (L1), em ambiente social onde ela é usada como meio de comunicação.¹²

A fundamentação explorada neste capítulo direciona e orienta a análise de dados tratada no capítulo IV.

No capítulo III, a seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a coleta de dados.

¹² citado em tese de doutorado por Mônica Maria Guimarães Savedra: Bilinguismo e bilingualidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e alemã. 1º semestre de 1994

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 MÉTODO

Esta pesquisa teve, como natureza, o estudo de caso. Neste tipo de estudo o pesquisador poderá examinar os dados e extrair temas ou questões variadas, poderá ainda buscar indícios de padrões e buscar uma forma de tentar explicá-los. De uma maneira geral, os resultados de um estudo de caso não têm o poder de generalização de outras modalidades de pesquisa que trabalham com grandes quantidades de informações ou bancos de dados. O número de aprendizes avaliados nesta pesquisa não será muito extenso. No entanto, pode levar outros professores, leitores dos relatórios dos estudos de caso ou mesmo aprendizes da língua a reflexões sobre seus próprios contextos de trabalho e salas de aulas. Pode até mesmo fornecer aos seus leitores experiências vicárias úteis para a reflexão sobre suas próprias práticas pedagógicas (TELLES, 2002).¹³

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de cunho qualitativo, pois é exploratória, ou seja, estimula os entrevistados a pensar livremente a fim de buscar percepções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para interpretações. Quando necessário, são utilizadas tabelas. O instrumento aplicado será analisado à luz de história de vida com enfoque no estudo de caso.

3.2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO: CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com estudantes nipo-brasileiros do curso de graduação com habilitação em Letras-Japonês da Universidade de Brasília, Distrito Federal. No curso, além do estudo de Japonês como LE, os alunos também têm aula de cultura/sociedade e literatura japonesa.

¹³ citado em TCC por Jackeline Mariano de Albuquerque: Fatores Motivacionais dos Estudantes de Japonês como LE. Brasília, 2013.

A entrevista se deu dentro da própria Universidade com a presença apenas do entrevistador e do entrevistado. Cada entrevista foi realizada com apoio de gravação digital para transcrição e análise de dados, seguindo um questionário previamente estruturado. Algumas perguntas extras foram feitas, quando necessárias para melhor entendimento das respostas, e houve abertura para dados não previstos que podem acrescentar algo relevante ao trabalho. Os dados da entrevista foram transcritos em fichas individuais (VIDE Apêndice I).

Utilizamos a entrevista como uma situação “narrativa” porque esse processo caracteriza a representação linguística de um acontecimento passado, envolvendo, direta ou indiretamente, uma experiência pessoal que pode ter sido verbalizada ou não. Segundo Labov (1972) e Chafe (1976), é a reportagem linguística de um evento passado e acabado, armazenado e disponível na memória dos indivíduos.¹⁴

Tanto as perguntas quanto as respostas foram em português e palavras japonesas que por ventura apareceram durante a entrevista eram de conhecimento de ambas as partes. Para que tivéssemos um contexto natural da entrevista, preferimos utilizar a língua portuguesa a fim de que os Sujeitos se sentissem melhor para descrever a sua história de vida.

3.2.1 Instrumentos Da Coleta De Dados

3.2.1.1 Entrevista Semiestruturada Com Gravação

Os Sujeitos da Pesquisa responderam a uma entrevista previamente estruturada que foi gravada com apoio de gravador digital para análise posterior dos dados. A entrevista possuía tanto questões abertas quanto questões fechadas; mas, mesmo nessas últimas, os Sujeitos responderam de forma livre, às vezes acrescentando mais informações à pergunta. Nas questões do tipo fechada os Sujeitos procuraram escolher a opção que mais se adequava a sua realidade.

¹⁴ citado em tese de doutorado por Mônica Maria Guimarães Savedra: Bilinguismo e bilingualidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e alemã. 1º semestre de 1994

A entrevista foi realizada em português, e todas as informações quanto à situação bilíngue dos Sujeitos estão baseadas na visão pessoal dos mesmos.

As duas primeiras entrevistas foram realizadas nos dias 24 e 27 de maio de 2013 e as duas últimas nos dias 18 de junho e 6 de julho deste mesmo ano. O quadro a seguir ilustra a situação das entrevistas semiestruturadas realizadas.

QUADRO 1 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

| Sujeito da Pesquisa | Data da entrevista | Duração |
|----------------------------|---------------------------|----------------|
| SP 1 | 24/05/2013 | 25'52" |
| SP 2 | 27/05/2013 | 18'07" |
| SP 3 | 18/06/2013 | 33'42" |
| SP 4 | 06/07/2013 | 29'05" |

Para transcrição das falas levaram-se em conta alguns princípios estabelecidos por Mourão (1990, p. 27-55):¹⁵

- a) “seja real à fala do informante; não acrescente nada, não suprima nada, não altere nada. Na prática: não acrescente palavras ou sílabas que o informante não falou, mesmo que o texto soe sem sentido; não corte repetições que lhe pareçam inúteis, ou sons que lhe pareçam soltos, sem nexos; não corrija o que o informante diz; não mexa em concordância, em usos de preposições ou artigos, em uso de palavras do tipo: aí, né, daí, então, ok....;
- b) esteja atento aos sinais de insegurança, ou de preocupação quanto à forma e ao conteúdo da fala do informante;
- c) respeite as pausas e os gaguejos.”

Além destes princípios, utilizam-se algumas normas próprias de transcrição:

... - para marcar qualquer tipo de pausa;

¹⁵ citado em tese de doutorado por Mônica Maria Guimarães Savedra: Bilinguismo e bilinguagem: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e alemã. 1º semestre de 1994

/ - para marcar qualquer truncamento de sílaba e o seu abandono pelo informante no momento da narração;

“ ” - para marcar o discurso direto no meio do indireto.

3.2.2 Perfil Dos Sujeitos Da Pesquisa

Para definir o perfil de Sujeito da Pesquisa, utilizaram-se três variáveis:

- a. Gênero diasssexual: masculino e feminino;
- b. Geração: descendente de japonês;
- c. Profissão: estudante do curso Letras-Japonês da UnB.

Os Sujeitos da Pesquisa foram estudantes do curso de graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de Brasília. Dentre esses Sujeitos há alunos que já se formaram e alunos dos últimos semestres do curso. Basicamente, todos eles têm um nível intermediário de japonês (de acordo com exame de proficiência, *nouryokushiken*), experiência de ouvir japonês em casa e de já ter estudado um tempo em curso de língua, fora da UnB. O quadro abaixo demonstra o perfil dos Sujeitos desta pesquisa.

QUADRO 2 – PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA

| Identificação | Sexo | Situação bilíngue |
|---------------|-----------|-------------------|
| SP 1 | masculino | L1+ L2 |
| SP 2 | feminino | L1a + L1b |
| SP 3 | feminino | L1a + L1b |
| SP 4 | masculino | L1a + L1b |

Para melhor compreensão da situação bilíngue dos Sujeitos da Pesquisa, fez-se uma breve história linguística de cada um destes componentes da pesquisa. Não se pretendeu entrar em detalhes sobre o perfil destes Sujeitos, devido aos motivos

acadêmicos, ou seja, manter em sigilo os Sujeitos desta pesquisa. Para compor esta história linguística, recorreu-se à experiência linguística de cada um dos componentes.

A língua utilizada na família era o japonês; por esse motivo, o SP1 teve como primeiro contato a língua japonesa, sendo ela a língua materna, pois no domínio domiciliar essa língua era do uso cotidiano. A experiência com o português foi quando o SP1 entrou na escola fundamental do Brasil aos 7 anos de idade, é nessa época que ele desenvolveu o bilinguismo propriamente dito. Atualmente, o SP1 usa mais a língua majoritária, o português, em vários domínios, inclusive no domiciliar.

No caso do SP2, a língua japonesa predominava no ambiente domiciliar. O Sujeito falava japonês com os avôs mantendo a comunicação diária nessa língua. Segundo o relato deste Sujeito, revelou-se que as duas línguas, tanto o japonês quanto o português, eram de uso cotidiano. Isso demonstra que, devido ao uso do português ser mais abrangente, existe a tendência do deslocamento da língua japonesa.

O SP3 apresentou um contexto linguístico similar ao do SP1, visto que a língua materna era o japonês utilizado predominante durante boa parte da infância; a língua portuguesa foi adquirida mais ou menos na mesma época, mas em menores proporções. O devido aprendizado do português se deu com a vinda do SP3 para o Brasil, por volta dos 7 anos de idade. Por viver no Japão durante boa parte de sua infância, a língua majoritária utilizada no domínio escolar e social era o japonês.

E, por fim, a situação linguística do SP4 difere dos demais. Segundo o relato deste Sujeito, ele teve contato com as duas línguas simultaneamente, porém ele usava com maior frequência a língua portuguesa, mesmo no domínio familiar. Isso demonstra que nesse domínio tanto a língua japonesa quanto a língua portuguesa eram de uso cotidiano. Apesar de não usar a língua japonesa diariamente, o SP4 relata, que quando necessário, usava a língua japonesa. Para este Sujeito a habilidade auditiva foi melhor desenvolvida do que a habilidade oral. Isso demonstra que quando não se tem a 'oportunidade de uso', mesmo que seja no domínio domiciliar, pode levar à substituição da língua. Diante disso, pode-se observar que o uso cotidiano de uma língua no domínio domiciliar pode, em parte, contribuir para a manutenção da língua.

Após um breve resumo da história linguística dos Sujeitos da Pesquisa, para situar o contexto linguístico dos mesmos, foi feita no capítulo a seguinte uma proposta de análise das questões averiguadas nas entrevistas realizadas.

3.3 EM DIREÇÃO À ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados nos meses de maio a julho de 2013. Os Sujeitos da Pesquisa responderam a questões referentes às situações pessoais e individuais de aquisição de língua e bilinguismo. Foi feita a análise de dados com base nos conceitos pré-estabelecidos na fundamentação teórica. Os dados serão analisados sob a perspectiva da aquisição da língua (L1 e L2/ LE e LM), e bilinguismo/bilingualidade, o que será tratado no próximo capítulo.

4 CORPUS DA PESQUISA: PROPOSTA DE ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados da pesquisa foram adquiridos a partir da transcrição da entrevista gravada. Como uma pesquisa de cunho qualitativo, fez-se necessárias perguntas abertas que possibilitassem respostas que demonstrassem os pensamentos e opiniões espontâneos. Procurou-se através dessas questões analisar as respostas para propor um modelo de análise de dados, buscando na argumentação o respaldo da fundamentação teórica a fim de atender o objeto de estudo. Buscou-se também, nas questões estruturadas analisar à luz do pressuposto qualitativo, em que as frequências de ocorrências foram analisadas a partir de ilustração gráfica. Utilizaram-se, quando necessários, quadros. Como mencionado no item do capítulo anterior, os Sujeitos da Pesquisa foram estudantes do curso de Letras-Japonês da UnB, sendo que apenas um (1) já é formado e os outros quase finalizando o curso.

As questões foram analisadas seguindo a ordem de perguntas do questionário aplicado na entrevista e para a argumentação da análise recorreu-se ao uso das transcrições das respostas que estão inseridas nos excertos. Pelo fato de a pesquisa estar ancorada no relato pessoal de vida, a fala de cada um foi transcrita obedecendo o uso do Sujeito da Pesquisa.

4.1 QUESTÃO 1

A primeira pergunta foi sobre a língua materna dos Sujeitos da Pesquisa. Sujeito da Pesquisa 1 (doravante SP1), Sujeito da Pesquisa 3 (doravante SP3) e Sujeito da Pesquisa 4 (doravante SP4) responderam **japonês**, e Sujeito da Pesquisa 2 (doravante SP2) **português**, sendo que, em todos os casos tanto o **japonês** quanto o **português** faziam parte da vida desses Sujeitos desde a infância.

Excerto 1.1: Qual sua língua materna?

SP1: **Até os sete anos eu falava japonês** com minha mãe ...é, depois dos sete anos

que eu entrei na escola portuguesa aí...aí ficou português, né.

SP4: Minha língua materna? Oh...assim...cronologicamente falando...eu **aprendi primeiro o japonês** antes do português, né...

Nesse primeiro caso, pode-se dizer que o SP1 está inserido na situação L1+ L2, considerando que L2 foi a língua adquirida depois da L1, mas antes que a primeira chegasse à maturação. Como é possível observar, sua língua materna foi o japonês e o português foi adquirido em ambiente social-escolar por estar vivendo no Brasil, onde a língua oficial é o português. De acordo com Carroll (1970), esse seria um caso de bilinguismo composto, pois ambas as línguas foram adquiridas na infância, e a L2, por motivos de necessidade de comunicação fora do ambiente familiar. O SP2 respondeu simplesmente:

Excerto 1.2: Qual sua língua materna?

SP2: Minha língua materna é o português.

Porém, ao observar as respostas das perguntas seguintes, pode-se notar que as duas línguas foram adquiridas ao mesmo tempo já que os avós falavam japonês e, na mesma época, a mãe falava português.

Excerto 1.3: Em que época você começou a aprender o japonês falado na família?

SP2: ... eu morava com meus avós, né então **desde pequenininha eles falavam japonês comigo.**

Excerto 1.4 : Você aprendeu japonês e português simultaneamente?

SP2: **Eu comecei a aprender junto**, mas depois português foi e japonês estacionou.

Pergunta: Então sua primeira língua é o japonês?

SP2: Aí que tá, eu não sei dizer. É porque, por exemplo, **minha mãe só conversava em português comigo**, que ela não sabia japonês.

Pergunta: Na mesma época seus avós conversavam em japonês ...

SP2: Conversavam em japonês comigo, é.

Nesse caso, como ambas as línguas foram adquiridas ao mesmo tempo temos a situação de L1a e L1b. Também podemos dizer que o SP2 está inserido no contexto de bilinguismo composto. De acordo com Genesee (1978), Skutnabb-Kangas & Toukomaa (1976), no bilinguismo composto a aquisição de L2, no caso L1b, se dá na infância. Ambas as línguas são adquiridas simultaneamente no mesmo contexto social de família e/ou comunidade, sem instrução formal.

O SP3 tem a situação L1a e L1b, pois também ouvia ambas as línguas; mas, como ele vivia no Japão, o uso do japonês era muito maior e frequente, mesmo em ambiente domiciliar. Segundo o relato do Sujeito da Pesquisa, por volta dos 7 anos de idade, veio a uma festa de família no Brasil. Nessa ocasião, o Sujeito percebeu que, apesar da compreensão auditiva ser boa, a habilidade oral em português não estava bem desenvolvida.

Da mesma forma, pode-se dizer também que o SP4 está em situação L1a e L1b, pois adquiriu tanto o japonês quanto o português em ambiente domiciliar na mesma época.

Excerto 1.5: Em que época você começou a aprender o japonês falado na família?

SP3: Na verdade **eu aprendi japonês no Japão**. Então eu comecei a/ **quando eu comecei a falar eu comecei a falar japonês**, né?

Excerto 1.6: Você aprendeu japonês e português simultaneamente?

SP3: hummm...não. Eu...comecei a falar português só depois quando eu vim pro Brasil. Então **eu compreendia português ouvindo meus pais porque eles utilizavam o**

português em casa, mas eu só falava japonês. Então eu comecei a falar só japonês quando eu cresci (*ipsis litteris*).

Com quase 7 anos de idade, o Sujeito da Pesquisa finalmente muda-se para o Brasil, e, então, começa a instrução formal em português. Essa situação indica que a língua portuguesa passa por processo de reaquisição da língua. Isso acontece porque o SP3 tinha uma noção de português por ouvir desde pequena, mas nunca precisou usar realmente durante o tempo que morou no Japão. Então o português ficou armazenado e esquecido durante um período até que passasse a ser utilizado novamente, sofrendo o processo de reaquisição (KLEIN, 1986).

Excerto 1.7: Você se comunicava com seus familiares em japonês? Com quem?

SP3: No japão com meu pai e a minha mãe. Quando eu vim pro Brasil...com ninguém.

Excerto 1.8: E por que com ninguém?

(...) eu fui com oito meses pro Japão **aprendi o japonês como língua materna pois só falava em japonês, porém compreendia português**, auditivamente (...)
 (...) Aí então quando eu cheguei no Brasil e vi que não era uma língua falada e vi que as pessoas reagem de uma forma diferente...eu **parei de falar japonês**.

4.2 QUESTÃO 2

A questão 2 é referente a idade a fim de saber se a aquisição ocorreu na infância ou posteriormente e dar mais embasamento para a análise da situação bilíngue, que foi discutida anteriormente. No caso do SP2 e SP4 as duas línguas foram adquiridas simultaneamente na infância, mas português foi o que continuou e o que possui mais fluência, por isso foi considerado língua materna pelo próprio Sujeito da Pesquisa, conforme pode ser observado no excerto abaixo (cf. Excerto 1.2 e 1.3).

Já no caso do SP1, diferentemente, continuou com o estudo formal de ambas as línguas, desenvolvendo o uso das duas línguas.

Excerto 2.1: Você aprendeu japonês e português simultaneamente?

SP1: É, foi. Uhum. **Meio dia escola japonesa, meio dia escola portuguesa.** Dos 8 aos 15 anos de idade.

SP4: É...sim, sim...foi **simultaneamente.** Aí era o japonês em casa e...o português na escola.

Excerto 2.2: Em casa era só japonês? Não era português ...

SP1: Em casa era misto. Minha mãe falava em japonês eu respondia em português ... bilíngue.

4.3 QUESTÃO 3

As questões 3, 4, 5 e 6 tratam das quatro habilidades linguísticas: leitura, escrita, expressão oral e compreensão auditiva (Macnamara, 1969).

Segundo o relato de SP1, quanto à questão 3, o uso do japonês na infância era só no ambiente escolar. Esse contexto indica que o uso do japonês foi menor do que o da língua majoritária (português). Já no caso do SP2, usava japonês em casa, porém a compreensão auditiva era melhor do que oral. No caso do SP3, utilizava tanto em casa, com os pais, quanto na escola, favorecendo, assim, a situação do bilinguismo. O SP4 também ouvia e falava em casa: japonês com a mãe e português com o pai.

Excerto 3.1: Nessa época com quem você usava o japonês?

SP1: Só **na escola com os professores**, né. (...) em casa eu só ouvia, eu não falava.

SP2: **Japonês com meus avós.** Meu avô e minha avó materna.

SP3: **Na verdade eu usava com os dois**, né. Era a única língua que eu falava na época... quando eu aprendi a falar.

SP4: Ah, **com os meus pais**, só. Só meus pais. Acho que amigo...eu tinha muito pouco que falava japonês, então...

Excerto 3.2: Onde você mais utilizava o japonês e de que forma? [escrita, audição etc.]

SP2: Mais só compreensão auditiva, né? E fala .../ **mais compreensão auditiva do que fala**. Em casa.

SP3: Toda, né! Eu falava...ouvia, em casa ouvia mais o português, meus pais falavam pouco japonês em casa. Na escola/ como era uma escola japonesa então era tudo em japonês...aprendi a escrever e ler um pouco...era só *hiragana* e *katakana*, né? (...)
E...então era/ acho que **era as quatro habilidades**.

SP4: **Em casa. Só fala e audição**. Escrita...quase nunca.

4.4 QUESTÃO 4

A questão 4 ajuda a reforçar mais as idéias discutidas anteriormente, já que, no primeiro caso, o Sujeito só falava português em casa e o japonês só era utilizado quando necessário na infância. Já atualmente, o uso do japonês passou a ser somente quando necessário e fora do ambiente familiar. O uso da habilidade auditiva era muito mais frequente em ambos os casos, com a diferença de que o SP2 utilizava mais o japonês na fala também. Apenas o SP3 é que estava inserido em uma situação diferente, pois o uso do japonês era completo em relação às quatro habilidades.

Excerto 4.1: Você se comunica(va) com seus familiares em japonês? Com quem?

SP1: Só fala em português eu não falo japonês, não. Eu **só ouço em japonês as vezes**, né? As vezes eu sou forçado assim a falar/ a gente é forçado, né...**tem pessoa que só sabe falar japonês aí eu sou obrigado a falar/ aí eu falo, né...mas em geral é só português**.

SP2: **Só com os avós. E meu pai ... pouca coisa.** Porque ele falava também/ era assim, **ele falava japonês eu tentava responder em japonês/** respondia em japonês/ **português eu respondia em português.**

SP3: **No Japão com meu pai e a minha mãe.** Quando eu vim pro **Brasil...com ninguém** (risos).

4.5 QUESTÃO 5

Questão 5 é referente ao aprendizado. O estudo do japonês ajudou principalmente a desenvolver as habilidades de leitura e escrita e, em segundo plano, as habilidades de expressão oral e de compreensão auditiva, em todas as questões analisadas, conforme o excerto a seguir.

Excerto 5.1: Você estudou em escola japonesa na infância? Por quanto tempo? Onde?

SP1: Sim, dos 8 aos 15 anos.

SP2: Estudei. Comecei a ir pra *nihongogakkou*, né ... tinha uns 4 anos, né. (...) entrei com uns 4 e fui sair ... e saí quando tinha uns 16 anos.

SP3: Até o pré, né? Eu não cheguei a entrar no ensino fundamental, 1ª série.

Excerto 5.2: Esse estudo te ajudou a falar, escrever e entender (compreensão auditiva) melhor o japonês?

SP1: Esse estudo/ ele me ajudou principalmente a escrever ... ler/ **escrever e ler. Falar, pouco.** Também/ a/ audição, né. **Audição teve.**

SP2: **Talvez escrever** né. Porque eu não tinha contato com a escrita. Aí eu comecei a escrever e ler, **ler e escrever.** (...) **a gente tava escutando sempre** e tava conversan/ mais em português conversava, mas de vez em quando saía umas brincadeiras em japonês.

Sp3: Bastante! **Principalmente a audição.** Porque até hoje...se eu chego em um ambiente que o povo fala japonês eu compreendo. (...) o contexto... eu compreendo tudo...né só que na hora de **falar já é...mais...difícil.**

4.6 QUESTÃO 6

A questão 6 é sobre o nível de proficiência desses Sujeitos em cada uma das quatro habilidades. Todos os Sujeitos da Pesquisa têm mais facilidade com a audição. Quanto às dificuldades, SP1 e SP3 acham a oralidade, enquanto SP2 considera a escrita mais difícil. A justificativa para acharem a compreensão auditiva mais fácil é de certa forma lógica, porque todos tiveram contato com a língua japonesa desde pequenos e a compreensão exige um esforço menor do que a fala, a leitura e escrita (GROSJEAN, 1982). No primeiro caso, SP1 acha mais difícil a oralidade por sempre responder em português quando lhe perguntavam em japonês, então não teve necessidade de usar a língua japonesa, conseqüentemente teve pouco treino nesta área. No segundo caso, a dificuldade de escrita fica por conta dos ideogramas (*kanji*) e por falta de treino também. SP4 considera a escrita e a leitura mais difíceis, principalmente a escrita por causa dos ideogramas.

Excerto 6.1: Você encontra dificuldade nas habilidades: oral, escrita, leitura e audição (compreensão)? Quais delas é mais fácil para você?

SP1: Mais **fácil é audição** (...) Na escrita também eu gosto, né, como eu escrevia muito eu tenho uma certa facilidade para escrever. Agora, **dificuldade pra falar.**

SP2: Acho **mais fácil escutar e eu entendo melhor...e eu tenho mais dificuldade de todas é escrever.**

SP3: **A audição!** É sup/ é bem mais fácil... a **fala já é mais...difícil...**na questão de prática. A **leitura dificulta um pouco na questão do kanji**, porque eu sou muito...e/ eu sou muito ruim no kanji.

SP4: [Dificuldades] **escrita e leitura**. Assim eu... [Fácil] **É. Primeiro auditiva pra depois fala...é de ouvir...**

4.7 QUESTÃO 7

A questão 7 é quanto à percepção das variedades do japonês padrão e do japonês da comunidade. O SP1 não percebe diferenças, mas também a mãe era de Tóquio, que é considerado a variação padrão do japonês. Já SP2 é concisa ao afirmar que tem variedade. Primeiro, ele fala da diferença do discurso familiar, coloquial, com o discurso polido usado fora de casa. E também fala sobre a variedade da colônia e dos diferentes dialetos japoneses. SP3 também segue a mesma linha de raciocínio de SP2.

Excerto 7.1: Você encontra diferença do japonês falado por vocês na sua casa com o japonês aprendido na UNB?

SP1: **Não...se bem que eu em casa não uso, mas a/ a minha mãe falava japonês de Tóquio.**

SP2: **Aah...encontra...encontra.** Vixi...Porque tem aquela coisa, né, a língua japonesa, ela é/ quando você tá em casa, **num ambiente mais familiar é um tipo de japonês,** né. Aí quando você está em **um ambiente fora...tem que ser mais polido...tem essas coisas.** E assim, variação, de repente, **no pessoal da comunidade tem alguém que fale dialeto (...)**

SP3: **Sim, bastante!** Porque...quando meus pais foram pro Japão e aprenderam a língua a língua japonesa...eles aprenderam a **língua japonesa de casa...do dia-a-dia...então eles não usam o *desu* nem *masu* como a gente usa aqui na UnB.**

4.8 QUESTÃO 8

A questão 8 acaba sendo inserida na 7 por falar dos aspectos que a pessoa sente de diferente do japonês falado em casa para o aprendido na UnB. Só o SP2 e o SP3 que observaram as diferenças em relação aos níveis de polidez do japonês e a semelhança fica no vocabulário, pois isso não muda muito.

Excerto 8.1: Se existem as diferenças: em quais aspectos você nota diferenças e semelhanças?

SP2: Diferenças...por exemplo que/ o japonês que a gente usa em casa é mais/ sem polidez (...) Semelhança? Semelhança/ assim **muito do vocabulário a gente aproveita bastante o que a gente aprendeu em casa, né.**

4.9 QUESTÃO 9

A questão 9 é quanto ao uso do japonês: se o Sujeito dá preferência pela variedade padrão ou da comunidade. SP2 procura equilibrar a questão da formalidade, utilizando linguagem formal em ambiente de trabalho e o informal em casa. Já SP3 prefere usar a forma padrão, pois é a que se sente melhor falando e ouvindo.

Excerto 9.1: Com o pessoal da comunidade ou com a sua família você utiliza a língua japonesa no Brasil (aprendida com a comunidade)? ou o japonês da UnB?

SP2: Ah não, quando tô com a minha família/ hoje eu converso mais com meu pai, né...é **o japonês de casa mesmo, não formal. O formal** eu tento aplicar é...por exemplo, no meu **ambiente de trabalho.**

SP3: Na verdade eu não uso nenhum! ...mas se eu precisasse usar...**eu usaria o da UnB.** né?

4.10 QUESTÃO 10

A questão 10 foi sobre a autopercepção do bilinguismo. O interessante é que apesar de todos os indivíduos estarem inseridos em uma situação bilíngue, nenhum deles se considera falante de duas línguas; a única exceção é o SP2, que a princípio, ficou na dúvida, mas no final acabou dizendo que se considera bilíngue, mas que gostaria de ter o japonês mais fluente. De acordo com os Sujeitos da Pesquisa, para ser bilíngue é preciso ser fluente e ter alto grau de proficiência nas quatro habilidades linguísticas. Como cada um possui algum tipo de dificuldade em expressão oral ou escrita, não se consideram bilíngues. A idéia geral que se tem de bilinguismo é que se precisa ter um "controle nativo de duas línguas" (BLOOMFIELD, 1935). A questão é que uma situação praticamente perfeita em que o indivíduo tem controle absoluto das quatro habilidades em duas línguas que aprendeu na infância exclui boa parte dos bilíngues. O conceito de Macnamara (1969) está mais de acordo com a idéia de indivíduos bilíngues conforme tratado neste trabalho, pois acredita-se na competência mínima das quatro habilidades linguísticas. Mackey (2000) também contribui muito para as análises, pois afirma que o grau de proficiência, a função e o uso das línguas, bem como a alternância de códigos e a interferência são pontos importantes para se definir o bilinguismo. Por tudo isso, é possível afirmar que os Sujeitos da Pesquisa são bilíngues ao contrário do que acreditam, já que aprenderam português e japonês na infância e apesar de não estarem no nível de fluidez da habilidade oral como gostariam, conseguem entender e falar sobre diversos assuntos em japonês e manter uma conversa básica. Todos os Sujeitos da Pesquisa possuem nível intermediário (N2)¹⁶ de japonês.

Excerto 10.1: Você se considera um bilíngue?

SP1: Em japonês? Eu acho/ eu **acho que ainda não**. ...Eu **tenho que desenvolver mais a conversação**, né, a fala, a parte oral.

¹⁶ Nível 2 do exame de proficiência japonesa equivalente ao intermediário/avançado. O Exame vai do N1 ao N5, sendo N1 o nível máximo de proficiência.

SP2: (...) eu consigo me comunicar...bem em japonês e bem em português, assim...mas no japonês eu tenho algumas limitações ainda. Então **não sei se posso dizer que eu sou bilíngue. Então, sim! Sim. O japonês eu ainda queria estar melhor.**

SP3: Humm... não! **Não me considero.** Porque... a língua predominante...pra mim é o português! (...) Agora, **já o japonês eu não me considero fluente.**

4.11 QUESTÃO 11

Para entender melhor a bilinguagem de cada Sujeito é que se fizeram perguntas objetivas sobre o grau de proficiência e uso das habilidades linguísticas. Na questão 11, foi possível montar um quadro a partir das respostas. O SP1 consegue ler alguns materiais em japonês como jornal e revista com boa compreensão. O SP2 não tem costume de ler jornais e revistas em japonês, mas, às vezes, lê notícias na internet e também tem boa compreensão do texto lido. Além de que, recentemente, tem lido muitos livros técnicos em japonês, mas sente um pouco mais de dificuldade e precisa de dicionário. Quanto aos quadrinhos japoneses, mangá, lia desde pequena. Quando criança era a avó que tinha costume de ler mangá e livros infantis (*ehon*) para ela. SP3 e SP4 não têm costume de ler nenhum material em japonês, apesar de já ter lido mangá. Como se pode observar no quadro abaixo:

QUADRO 3: HABILIDADE DE LEITURA

11. Que tipo de leitura é feita por você?

| Material impresso | Língua japonesa | Língua portuguesa |
|---------------------------------|---------------------|-------------------|
| Jornal | não (nenhum dos SP) | SP1, SP4 |
| Revista | SP1 | SP1, SP2, SP4 |
| Livro (técnico, infantil, etc.) | SP1, SP2 | SP1, SP2, SP4 |

| | | |
|----------------------|---|----------------|
| Mangá | SP2, SP3, SP4 | SP2 |
| Outros (especifique) | Nipponia - SP1 Letra de música - SP4 | Nipponia - SP1 |

4.12 QUESTÃO 12

A questão 12 é sobre a frequência com que se lê material impresso japonês, desconsiderando material didático. SP1 e SP3 praticamente não lêem, diferentemente de SP2 que tem lido muito ultimamente materiais mais específicos por causa da área de pesquisa.

4.13 QUESTÃO 13

A questão 13 é sobre a frequência com que se assiste a programas japoneses, filmes, novelas, documentários e etc. E o quanto se consegue entender sem o apoio de legendas. Todos os Sujeitos da Pesquisa assistem a algo em japonês com ótimo nível de compreensão. Por falta de tempo, SP1 assiste aos noticiários, de vez em quando, e consegue compreender cerca de 50%. O SP2 sempre procura assistir sem o apoio de legendas e consegue entender 85%. Já SP3 não tem costume de ver televisão, pois assiste tudo pela internet e também tem um nível bom de compreensão, ou seja, é capaz de entender quase tudo.

4.14 QUESTÕES 14 a 18

As questões 14 a 18 são sobre a fluência em japonês, o quanto se consegue conversar sobre assuntos mais específicos assim como o nível de leitura, escrita e compreensão da língua. Essas questões ajudam a reforçar a idéia de que os Sujeitos possuem nível intermediário da língua japonesa. Quando se diz nível intermediário, é

considerando que o Sujeito tem habilidade de compreender situações do dia a dia e demais circunstâncias em um nível equivalente ao N2 (teste de proficiência em japonês - nível 2, conhecido como *nouryokushiken*).

4.15 QUESTÃO 19

Na questão 19, procurou-se saber o quanto o Sujeito se identifica com ambas as culturas. Como a língua está intrinsecamente ligada à cultura, a identificação ajuda no processo de aprendizagem/aquisição da língua. Geralmente, os indivíduos bilíngues também consideram-se biculturais assim como pode-se observar nas respostas.

Excerto 19.1: Você se identifica com a cultura japonesa?

SP1: Eu...sim, **me identifico**. Mesmo porque é.../o/ eu ía na escola japonesa, eu participava das gincanas, que é o “undokai” (...) ía muito, gostava dos filmes, então, eu tive assim desde pequeno muita/ muita relação com a cultura, né.

SP2: Ah, muito! Eu nasci/ **acho que desde que eu nasci...**

SP3: Me identificar com a cultura japonesa? Tinha uma época na minha vida que eu **me identificava bastante!** Ficava naquela...sem identidade, sabe? Não sabia se era japonesa...se era brasileira....

Excerto 19.2: Você se considera (bi)cultural?

SP1: Sim.

SP2: **Sim, eu me considero bicultural.** (...) eu acho que/ eu considero que eu tenho um equilíbrio assim entre essas duas [culturas] ... porque às vezes choca umas com a outra (...) **As duas me influenciam muito.**

SP3: Não sei se me considero bicultural. Como eu te disse antes... eu **me considero brasileira...**porque eu nasci no Brasil, mas eu não nego que **tenho traços da cultura japonesa dentro de mim,** né? Como o japonês sendo a minha língua materna...porque

foi a primeira língua que eu aprendi...mas não é a minha língua....como é que fala?...predominante.

4.16 QUESTÃO 20

No final, questão 20, perguntou-se sobre a escolha por Letras-Japonês. As respostas são variadas, mas a idéia principal é que todos se identificam de alguma forma com a língua e a cultura japonesa dos seus ancestrais.

Excerto 20.1: Você poderia dizer por que escolheu Letras-Japonês?

SP1: Uhum. É...basicamente, é porque eu **ganhei a língua japonesa de berço**. (...) eu gosto de escrever, eu gosto de ler, eu gosto da cultura, com tudo isso aí é... eu tô **estudando japonês porque eu quero ganhar fluência na língua**, eu tô em busca da fluência.

SP3: Eu escolhi por uma questão de **desafio**. (...) Quando eu entrei na UnB...eu **queria ir pro Japão**...mas aí...eu não sei... eu fiquei meio receosa, sabe? (...) Então eu quero **dar aula** aqui no Brasil pra descendentes ou não, tanto faz..na questão de alfabetização mesmo, né?

Devido ao tempo, a análise, por menor, destas questões não foi possível de ser explorada, no entanto as análises das questões anteriormente listadas demonstraram a situação bilíngue dos Sujeitos da Pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foram identificadas algumas situações bilíngues através da história de vida dos nipo-brasileiros estudantes de Letras-Japonês da UnB, que aceitaram participar deste trabalho.

Em relação às perguntas da pesquisa, todos os quatro Sujeitos adquiriram o japonês e o português ainda na infância. Essa aquisição se deu, primeiramente, em ambiente domiciliar, onde ouviam e, as vezes, respondiam em japonês. Apesar de terem um nível intermediário de japonês, esses Sujeitos acreditam que precisam melhorar muito o domínio da língua japonesa para se autodenominarem bilíngues. Todos consideraram a habilidade de compreensão auditiva mais fácil por ouvirem desde pequenos, e as habilidades de expressão oral e/ou de escrita mais difíceis, pois exigem um pouco mais de esforço e dedicação. Atualmente, os Sujeitos da Pesquisa estão desenvolvendo as habilidades linguísticas em japonês através do aprendizado no curso de Letras-Japonês. Pode-se observar que os SP percebem a aquisição como um processo natural e inconsciente, assim como Krashen descreveu. Da mesma forma, a aprendizagem exige esforço, dedicação e tempo.

A situação bilíngue, além de ser um fator importante para esses indivíduos, é também um diferencial de vida. Como um dos Sujeitos afirmou: “ganhei a língua japonesa de berço. 50%. Só que eu tenho outros 50% para desenvolver.” Ou seja, o fato de ter adquirido a língua japonesa na infância facilita o processo de aprendizagem e/ou a reaquisição da língua, já que se tem, pelo menos, um conhecimento básico da fonética e estruturas gramaticais da língua. Se comparados com os brasileiros que começam a aprender o japonês do zero, os nipo-brasileiros bilíngues têm, com certeza, uma boa vantagem no aprendizado.

De acordo com os Sujeitos, a principal vantagem de ter ouvido o japonês na infância é ter, hoje, mais facilidade para entender e, conseqüentemente, aprender a língua. Ter o conhecimento prévio de vocabulário e algumas sentenças básicas do japonês é um dos pontos que os Sujeitos bilíngues listam como facilitadores no aprendizado e é

também algo que se adquire ouvindo desde a infância.

Quanto à língua da comunidade ser igual ou não à aprendida na UnB, a maioria dos Sujeitos percebeu diferenças. A questão da polidez é a principal distinção entre essas duas variedades (comunidade e UnB), pois a língua japonesa falada em casa é mais simples e informal. A variedade formal aprendida na UnB também pode ser usada em contexto social que exija um maior nível de polidez e os SP percebem a importância disso para o uso adequado do japonês em sociedade. Outras diferenças citadas é em relação aos dialetos que são falados em algumas famílias e em sociedade, mas que não são aprendidos na UnB.

Os nipo-brasileiros, Sujeitos da Pesquisa, percebem o bilinguismo como algo que ainda devem alcançar com a fluência na língua japonesa. Porém, autores como Macnamara (1969), Grosjean (1982, 1994) e Romaine (1994) mostram que só o fato de adquirir duas línguas na infância já constitui uma situação de bilinguismo. Não é necessário ter domínios em ambas as línguas para ser considerado bilíngue, e estudos, como de Grosjean sobre o contato de línguas na situação de imigração, mostram que há muitos casos em que os imigrantes de segunda e terceira gerações apenas desenvolvem a língua de forma receptiva, ouvindo desde a infância, inclusive muitos, apesar de compreenderem a língua herdada, preferem utilizar a língua majoritária do país acolhedor.

5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

O objetivo deste trabalho foi observar a situação bilíngue, com ênfase na língua japonesa, de nipo-brasileiros do curso de Letras-Japônês.

Não houve tempo hábil para aprofundamento nas questões do bilinguismo/bilingualidade e aquisição-aprendizagem do japonês, como também não foi possível recolher mais dados para a pesquisa. Ainda assim, procurou-se introduzir o assunto de pesquisa que pode levar a maiores debates na área e outros estudos mais aprofundados.

Deseja-se que este trabalho sirva de inspiração para futuras pesquisas.

5.2 SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Acredita-se que este estudo, para o aprofundamento que o tema merece, apresenta:

- Contribuição deste estudo para realizar outras propostas de pesquisa.
- Contribuição da pesquisa para alunos que tem L2 como japonês em termos de “aquisição/reaquisição” da língua japonesa padrão.
- Contribuição para a Linguística Aplicada em termos de ensino e aprendizagem, visto que a língua adquirida nos lares pode, em parte, contribuir e otimizar a aquisição da língua-padrão.
- Contribuição sociolinguística, uma vez que a língua adquirida nos lares representa a língua étnica, ou seja, a língua criada pelos imigrantes e seus descendentes.

REFERÊNCIAS:

APPEL, R. & MUYSKEN, P. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Editorial Ariel S.A, 1996.

ANDRÉ, M.E.D.A . **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papius, 2000.

_____**Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**, São Paulo: Editora pedagógica e universitária, 1986.

BARRY, McLaughlin. **Theories of Second Language Learning**. United States of America: Oxford University, 1987.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York, 1933.

BOAVENTURA, Eivaldo. **Como ordenar as idéias**. São Paulo: Ática, 2006.

COELHO, Brito C.M. **Interferência da Língua Japonesa**. Rio Grande do Sul: PUC, 1980 (Tese de Mestrado).

DULAY, Heidi & BURT, Marina & KRASHEN, Stephen. **Language Two**. New York Oxford: Oxford University Press, 1982 .

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1983

ELLIS, Rod. **Understanding Second Language Acquisition**. New York Oxford: Oxford University Press, 1985.

ERICKSON. **Qualitative Methods in Research in Teaching and Learning** – Volume 2. New York: Macmillan Publishing Company, 1990 (Traduzido por Stella Marris Bortoni).

FREEMAN D. L. & LONG M. H. **An Introduction to Second Language Acquisition Research**. Longman Group UK Limited . 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GINGRAS, R. C. **Second Language Acquisition**: Foreign Language Teach Arlington. Virginia: Center For Applied Linguistics, p.107.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**. Harvard University : Cambridge, 1982.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**: Vozes, 1999.

HALLIDAY, M.K., MCKINTOSH A . , STREVENS, P. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Rio de Janeiro : Vozes, 1974.

KLEIN. W. **Second language Acquisition**. Cambridge Textbooks In Linguistics. Cambridge University Press, 1986.

KRASHEN, S. & TERREL, T. D . **The natural approach language acquisition in the classroom**, Alemanha, 1984.1995.

LANZONI, H. P. **Percepção de Fossilização e fatores Associados na Interlíngua de Brasileiros Adultos Aprendendo Inglês**. São Paulo: UNICAMP, 1998.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo.

MACKEY, W. The Description of **Bilingualism**. In: Li Wei, The Bilingualism Reader.

London ; New York : Routledge, 2000.

MEGALE, Antonieta Heyden; **Bilinguismo e educação bilíngue - discutindo conceitos**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf>.

Acesso em 23 de Junho de 2013.

PERCEGONA, Marcélia Silva; **A Fossilização no processo de aquisição de segunda língua**. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/percegonna.pdf> Acesso em: 23 de Junho de 2013.

ROBERT, K. Yin; trad. Daniel Grassi. **Estudo de caso, planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Manual de Métodos e técnicas de pesquisa científica**. 9. ed. rev., atual. e ampl. - Niterói, RJ: Impetus, 2012.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; **Bilinguismo e bilingualidade: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e alemã**. Tese de doutorado (UFRJ); Rio de Janeiro: 1994.

SELINKER, L. 1972 Interlanguage. **International Review of applied Linguistics**

SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenário de bilinguismo no Brasil**. Coleção Linguagem e Sociedade Vol 2, Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE I- TERMO DE CONSENTIMENTO



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Letras – IL
 Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
 Curso de Letras-Japonês
 Pesquisador: Rebeca Barbosa Santos Kelmer
 Orientador: Prof.^a Yuko Takano

TERMO DE CONSENTIMENTO

Concordo em participar voluntariamente da pesquisa, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas. Estou ciente de que:

- A minha participação é de natureza voluntária e que, em nenhum momento, me senti coagido(a) a participar.
- Todas as minhas respostas orais ou escritas permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada.
- Minhas respostas poderão ser utilizadas no trabalho de conclusão de curso e em eventuais artigos ou apresentações orais sobre o estudo.
- A minha participação nesta pesquisa incluirá preencher um questionário e participar de uma entrevista oral.
- Autorizo a pesquisadora, Rebeca Barbosa Santos Kelmer, gravar em áudio minha entrevista oral.

Declaro que fui informado(a) dos procedimentos que serão utilizados e que entendo qual será minha contribuição como participante, comprometendo-me em participar de todas as etapas que constituem a pesquisa. Afirmando ainda que recebi uma cópia desse termo de consentimento.

Brasília, de junho de 2013.

 (nome e assinatura do participante)

Contatos: _____
 Pesquisador: Rebeca Barbosa Santos Kelmer

APÊNDICE II - ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Qual a sua língua materna?
2. Em que época você começou a aprender o japonês falado na família?
 - 2.a) Você aprendeu japonês e português simultaneamente?
 - 2.b) Caso contrário, qual é a sua primeira língua?
3. Nessa época com quem você usava o japonês?
 3. a) Onde você mais utilizava o japonês e de que forma? [escrita/leitura/fala/audição]
4. Você se comunica(va) com seus familiares em japonês? Com quem?
5. Você estudou em escola japonesa na infância? Por quanto tempo? Onde?
 5. a) Esse estudo o ajudou a falar, escrever e entender (compreensão auditiva) melhor o japonês?
6. Você encontra dificuldade nas habilidades: oral, escrita, leitura e auditiva (compreensão)? Qual delas é mais fácil para você?
 - 6.a) Por que você considera tal habilidade mais fácil?
 - b) Por que considera as outras difíceis?
7. Você encontra diferença do japonês falado por você na sua casa com o japonês aprendido na UNB?
8. Se existem diferenças: em quais aspectos você nota diferenças e semelhanças?
9. Com o pessoal da comunidade ou com a sua família você utiliza a língua japonesa no Brasil (aprendida com a comunidade) ou o japonês da UnB?
 - 9.a) Você se expressa melhor falando em japonês usado na comunidade ou o japonês adquirido na UnB.
10. Você se considera bilíngue?
11. Que tipo de leitura é feita por você?

| Material impresso | Língua japonesa | Língua portuguesa |
|-----------------------|-----------------|-------------------|
| jornal | | |
| revista | | |
| livro | | |
| mangá | | |
| Outros especifique | | |

12. Com que frequência você lê material impresso em japonês? (Não considerar material didático).
 - a) Leio muito.
 - b) Leio pouco.

c) Praticamente não leio.

d) Não leio

13. Com que frequência você assiste TV NHK?

a) Diariamente.

b) Assistido muito.

c) Praticamente não assisto.

d) Não assisto nada.

13^a. Você assiste a programas (filmes, documentários, novela, etc) em japonês?

d. Assistido muito.

e. Assistido às vezes.

f. Praticamente não assisto.

13b. De que tipo de programa japonês você mais gosta?

Especifique.

13c. Quando você assiste aos programas acima referidos, você consegue entender o que eles estão falando? Ou você usa a tradução para melhor compreensão?

14) Qual a sua fluência em japonês

a) Falo bem.

b) Falo mais ou menos.

c) Falo só pouco.

15) Em conversas sobre a política e/ou economia?

a) Falo bem.

b) Falo mais ou menos.

c) Falo pouco.

16) Como é a sua leitura em japonês?

a) Leio bem.

b) Leio razoavelmente.

c) Leio só pouco.

17) Você escreve em japonês? Usando kanji?

a) Escrevo bem.

b) Escrevo mais ou menos.

c) Escrevo pouco.

18) Como você compreende a língua japonesa?

a) Compreendo bem.

b) Compreendo razoavelmente.

c) Compreendo pouco.

Você se identifica com a cultura japonesa?

19) Você se considera (bi)cultural)?

20) Você poderia dizer por que você escolheu Letras-Japonês?